MASSA CONFUSA

As cortinas drapeadas sombreavam de luz quente e névoa nacarada os comensais sentados. Mais uma vez, o homem estava atrasado, impacientava-se Fausto. Nunca de fiar num usurário, pensou. O pífio patife marcara mesa ao meio-dia no Grão Palácio, mas não havia forma de se lhe ver a figura.

Fausto foi conduzido ao lugar pela jovem senhora na frente de sala, uma singela donzela de rosto pintado e vestuário forasteiro que, sem parecer viva nem morta, deslizou à frente pelas galerias do famoso salão de chá. Juntos atravessaram uma sumptuosa sequência de salas, câmaras e compartimentos, cada qual com a sua atmosfera e clientela. Passaram pelo salão índigo frequentado por tuberculosos e tísicos, onde o chá era remédio; de seguida cruzaram a intimista sala chantilly, onde se bebe chá com morangos, lotado à pinha por viúvas e viúvos românticos; depois espreitaram o quarto dos espelhos, uma experiência introspectiva de chá com o próprio reflexo; atravessaram a sala amarela, uma gaiola doirada extremamente mal frequentada por filhos e filhas da burguesia, muito egoístas e malcriados, absolutamente convictos de que o mundo gira à volta da sua eugenia; depois o pátio de Outono, um claustro soturno sem tecto nem mesas, usado exclusivamente para velórios, onde o chá serve de consolo para os familiares e amigos dos defuntos; de seguida fizeram uma breve pausa no hall dos vencedores e dos vencidos, um lugar ecuménico cuja missão é o fair play desportivo, juntando adeptos de diferentes filiações no agrado do chá chalado; depois percorreram as galerias da sorte ao azar, um corredor muito comprido pontuado por pequenos guichets usados pelos bebedores para apostarem em tudo e mais alguma coisa (sofre-se muito nesta galeria, e grandes fortunas ter-se-ão esfumado neste passadiço, chá com lágrimas); depois passaram pela tenda oásis, uma justa homenagem aos salões de chá do deserto (nesta os comensais eram convidados a tirarem os sapatos e a sentarem-se no chão, era quente a tenda); seguidamente chegaram à sala da guerra, um espaço recreativo com duelos de armas clássicas, o florete o porrete e a alabarda, intercalados com sessões de chá frio (nesta outra sala ocasionalmente admitiam-se duelos com armas de fogo, e nesses a peleja de fuzil era a predilecta); passaram pelo salão nobre, um espaço bolorento, cheio de teias de aranha, visitado na sua maioria por iliteratos e analfabetos, anti-republicanos nostálgicos que se entretinham a partilhar histórias das tias e dos primos; até chegarem ao salão flor de lótus, um espaço opulento onde Fausto encontrara finalmente o lugar reservado pelo agiota em seu nome, uma sala de bebedores saciados e silenciosos, na generalidade empresárias e empresários falidos, a mais ilustre e requisitada morada do Sol Nascente, o último salão do Grão Palácio de chá oriental.

Um corrupio de criados e criadas servia bules e chávenas d'água quente, chás, infusões, tisanas, as paredes despojadas ornadas aqui e ali por uma vinheta, gravura ou pintura d'outras terras, árvores miniatura em estantes lacadas, as mesas baixas tapadas de mantéis delicados, sedas penduradas, os bancos rentes ao chão para não lhes chamar de almofadas. Que lugar cheio de feitiço e encanto, pensou Fausto, sentindo-se distante da realidade, como se o tivessem levado para dentro de um sonho.

A certa altura, chefe serviçal sinalizou a Fausto a carta cardápio à sua frente. Um papel timbrado com a insígnia do estabelecimento, um pavão das ásias e, em letra escrita a pincel, o prato do dia. Referia: SÓ CHÁ. Fausto pousou o panfleto. Olhou para o criado e sancionou com um gesto, perceptível por quem o atendia, que sim, que era exactamente o que pretendia. Foi-lhe servida uma chávena, melhor dizendo, uma taça, porque era sem asa a porcelana da sala lótus, diferente da faiança inglesa ou francesa, que sendo fina e esmerada mesmo escaldada não queima a mão a quem pega a pega. Para felicidade de Fausto, na mesa também havia de comer uma bolacha frita. Fausto trincou a dita. Era um daqueles biscoitos adivinhos mágicos com papelinhos sábios de futurologia. Desenrolado o pergaminho dizia: "Não creias de mais nas cores das coisas." Frívolo chamar feitiço a tal banal escrito inscrito na pastelaria. Percebendo Fausto que a frase era de Virgílio, pensou em mandar vir da cozinha (onde quer que ela fosse) o pasteleiro daquele pastel de fortuna, que em bom rigor parecia ser um mero sabichão de charcutaria, salsicheiro de citações greco-latinas. Em vez disso, aceitou que lhe enchessem a chávena de chá, isto é, a taça. E que estranha taça, ponderou ao segurar a beberagem com as duas mãos, vendo os fúmeos vapores da tisana, reparando que as taças d'outros bebedores, também elas a serem aviadas pelo atendimento, eram todas diferentes e distintas, formes e informes à sua maneira, um estranho e extravagante conjunto de faiança. Porque cada uma parecia ser uma mixórdia confusa de coisas ensimesmadas na cerâmica, esmaltes e vidrados coloridos, como se fosse líquida a forma e a função do bebedouro: chá por dentro, lava por fora. Os fúmeos vapores, remoinhos se soprados, levavam a fantasia para paisagens na loiça de beber, paisagens vulcões montanhas, o fogo dos fornos de lenha, os dias e as noites alimentando as labaredas, queimando as imagens líquidas na taça incandescente, alimentando as imagens, achas à chama, até a faiança ser a essência da taça depois do mistério da cozedura.

Fausto reparou que muitos bebedores se levantavam, iam e vinham dos lavabos. A tisana diurética obrigava a toda uma dinâmica na sala de negócios daqueles empreendedores da bancarrota. Não tivesse ele próprio esbanjado o pecúlio da herança em experiências inúteis, não estaria ali à espera do agiota senhor do mealheiro. A infâmia! O vil valor do dinheiro, o santo pilim da desgraça, a cheta milagrosa da desventura, o carcanhol do Diabo, o pataco da velha, a grana e o graveto miserável, a massa dum chavelho, o chavo e o cacau maldito.

Camareiro camareiro! Viu por acaso fulano empossado que comigo tinha encontro marcado? Mas camareiro voltou a encher a taça e virou-se para o lado, como se não compreendesse ou se fizesse de desentendido, certamente olvido do ouvido para o nosso linguajar, ou talvez farto de agiotas e de desesperados empresários endividados. Entrementes, a sala de bebedores ia-se evacuando de freguesia por hidrogenia. Quero em crer, pensou Fausto, que a obra a realizar, a pedra filosofal, justificasse pedir fiado a um agiota. Olhou para a sala. Quantos Doutores e Doutoras acreditavam estarem sentados em cima de um tesouro, uma pirâmide de razão e de sentido. Precisa de capital? Nós emprestamos, mas claro, com juros. Seria Fausto diferente dos demais homens sem vintém enfarpelados de ilusões de fortuna e fama e riquezas? Mas quem pode, nos dias de hoje, pagar a tarifa dos enxofres e o custo dos nitratos, dos sais e salitres, da prata fulminante e dos éteres e álcoois e dos vitríolos azuis e vermelhos e da cal e do mercúrio vivo? A obra, a grande obra, essa está pela hora da morte e sem os demais não haverá transmutação dos metais. Há-de se pagar o ouro do usurário com o proveito da eureka das eurekas. Fi-lo porque qui-lo, mais fácil dizê-lo do que fazê-lo: a pedra filosofal, o elixir da juventude, a poção do caldeirão. Nada se cria tudo se transforma, dizem e é verdade, a arte da retorta não está morta. Alquimia, magia, cozinhar a massa confusa e dispersa, calciná-la no fogo-fátuo até ser pasta homogénea, converter os ingredientes na sombra da noite nigredo, depois purificá-los com a prima luz da matéria alba, albedo, a seguir acordar a amálgama com enxofre amarelo, citrinitas, e finalmente trazê-la ao mundo: a pedra vermelha, o fábulo rubedo. Querem crer que a pedra filosofal não só dá chama perpétua à vela de cera como transforma o banal metal em ouro no crisol derretido. Querem crer também, e está escrito, que quando o pó de pedra é exsolvido e bebido em xarope prolonga a vida, e regado em plantas sublima a seiva vegetal, e regado em cristais normais torna-os preciosos, e despejado sobre vidro fá-lo ficar gelatina, e pincelado em barro fá-lo ganhar vida criando um servo destinado a lavar pratos e a limpar a casa do seu mestre senhor. Admirável xarope de pedra. Se eu quero, o mundo precisa. Porque lavar pratos e limpar a casa é trabalho do demo e todos os homens e mulheres são, antes de serem corpo, alma e espírito. Fausto pousa a taça de chá. Ó capital, capital! Libertai-nos da prisão animal.

Os lavabos, parecia, escondiam-se atrás de um painel de papel. O freguês, aflito, esgueirava-se por entre fregueses outros, e por lá saía do salão, sabe-se lá em que direcção, e demorava-se nos afazeres até voltar a sentar-se à mesa frente à taça de tisana. Os fúmeos vapores pelo chá lançados cobriam os tectos, as sedas penduradas, as vinhetas d'outras terras, o painel de papel e as paredes do salão, que agora mais parecia um banho turco ou umas termas romanas. Onde estaria o usurário?

Fausto ficara sozinho com a sua taça de chá.

O biombo painel de papel, ilustrado por bucólica paisagem silvestre, versava sobre um pavão real, a insígnia do dito salão. Viam-se ao fundo montanhas e mato, e a montante nuvens altas que pareciam ter movimento, tal a verve do artista pintor, cuja pincelada conferia à cena certa realidade fugidia como se o pavão estivesse em fuga mato adentro. Via-se ainda cena de caça no reino desse imperador do painel de papel, os cães ladravam, os cavaleiros perseguiam um javali, arcos-e-flechas. Eis senão quando, o pavão encontra uma pavoa na tinta do painel. Vê-se agora, através dos fúmeos vapores de chá, como se transfigura a figura dessa ave real, cauda pavonis, painel preenchido por pente-do-mar de plumas, todas as cores da natureza, verde vermelho e azul, olhos iridescentes, fluorescentes. Começa a dança nupcial. Mas a pavoa da pintura não era uma pavoa qualquer. Ela salta da imagem, desbrava p'la sala, por entre os bancos e assentos de bebedouros vazios, e alapa-se aos pés de Fausto, enroscada no vestuário, que no bolso de bruxo, entre pós e poções, secretamente oculta amendoins escondidos (passe a redundância). Mas não desiste o pavão, não! Hesitando, pata ante pata, também ele passa o pescoço pel'imagem, a crista real e depois logo o corpo e a cauda aberta, esplendoroso frente ao biombo pintado.

Chegou o usurário. O portão do salão abriu com um silvado de sino, uns penduricalhos pingentes que chincalham quando há novo freguês. O agiota aproximou-se da mesa, como explicar: um sujeito de quem ninguém quer guardar memória, um sujeito desmascarado, trajado de negro, como um cangalheiro. Caríssimo, vejo que esperou por mim. Fez bem. E reparo que estamos sozinhos para falarmos de negócios. É como prefiro. Perfeito, disse. Fausto calado. O agiota não deu qualquer importância ao pavão ou à pavoa, e tampouco à névoa densa da sala. Adoro vir ao Sol Nascente, continuou, o chá é o melhor que se encontra, extraordinário, na realidade. Superior até ao das termas. A água é uma coisa sem preço, não acha? Depois sentou-se. O pavão fechou a cauda e, bicando as migalhas do biscoito da sorte, subiu para a mesa. O agiota continuava sem se incomodar com o pássaro exótico, era como se não o visse. O mais extraordinário foi o que fizeram com a decoração deste lugar. Já estive em muitos palácios de chá. Todos imitam um sítio qualquer. Este não, o Grão Palácio tem carácter, um jenesaiscois... Aliás, tive o prazer de fazer negócio com o dono. Relembro agora, ver se depois de falar consigo dou uma palavra a esse senhor acerca de um pagamento ligeiramente, nada de especial, atrasado, uma breve chamada de atenção. Sabe como é, todos nós precisamos de disciplina, se me fosse a afeiçoar a quem ofereço os meus serviços certamente não poderia trabalhar neste ramo. Entre colegas, e por graça, dizemos que somos uma classe pouco querida da sociedade. Ahahah. Uma chamada de atenção aqui, um aperto acolá, corre sempre bem. Nunca me desapontei com um cliente, tudo gente honesta e cumpridora. Afinal, o cliente é, na realidade, a minha mercadoria, continuou, servindo-se do bule ali deixado pelo servente. Fausto reparou que o chá saía a ferver, apesar de estar na mesa há mais de meia hora. O pavão, que continuava a escarafunchar as migalhas de biscoito, saltou para o ombro do agiota. Papagaio de pirata. O usurário nem estremeceu com o bicho empoleirado, como se fosse um animal de estimação. Depois disse, Não acha estes bichos encantadores? O agiota levou a taça à boca, bebeu o chá de um trago e mastigou um biscoito da sorte engolindo a mensagem no papelinho. Vejo que tem estado a dar amendoins debaixo da mesa a uma pavoa. Também deve gostar de passarinhos, não? São muito dóceis em cativeiro. Um pavão não faz despesa nenhuma desde que se guarde nas imagens. É um encanto. Fausto não respondeu. Depois, o agiota abriu o livro de contas, mostrou o contrato e disse, Doutor, preciso de uma assinatura. E bateu com uma caneta vermelha numa linha em branco. Sabe, não duvido nem por um minuto da sua palavra, mas a justiça não acredita em ninguém. E voltou a bater na linha em branco, Assine neste espacinho. Então, Fausto fez a pergunta: e o dinheiro? O usurário esboçou um sorriso, mostrou os dentes afiados e inclinou-se sobre a ave rara. Sussurrou então ao pavão um palavrão: cabrão! Este esticou-se, abriu as plumas em leque, estremeceu agitando os mil e um olhos iridescentes, as cores do arco-íris, e cacarejou como uma galinha de capoeira, transmutação! A emasculação do pavão. O agiota calçou então uma luva de borracha, shlapf, levou os dedos à cloaca do animal de estimação e retirou-lhe das penas fofinhas do rabo um ovo grande e doirado, Está aqui!

Fausto sente, de repente, algo urgente. Afinal o efeito do chá funciona com todos e oportunamente pede escusa ao agiota para tratar do que mais ninguém pode fazer por ele. Sr. Banqueiro, lamento, ausentar-me-ei somente por um curto espaço de tempo. E, percorrendo com pressa o percurso dos fregueses acometidos pela mesma necessidade, dirigiu-se para trás do biombo. A pavoa, se repararem, foi atrás de Fausto, mas passando perto da imagem pintada voltou ao quadro. Surpresa! Tudo como dantes no quartel de Abrantes.

FIM DA AVENTURA

MASSA CONFUSA ESCRITA POR JOÃO MARIA GUSMÃO PARA MASSA CONFUSA, EM DEZEMBRO DE DOIS MIL E VINTE E DOIS.

UMA EXPOSIÇÃO DE NATAL NO LUGAR D'INTERNET DA GALERIA ANDREW KREPS, DE DEZEMBRO A JANEIRO DE DOIS MIL E VINTE E DOIS E VINTE E TRÊS, COM A DISTINTA PARTICIPAÇÃO DE VICTOR HARRIS (O CERAMISTA), POST BROTHERS (O LEITOR), CHRIS FOSTER (O TRADUTOR), E ANA BALIZA (A DESENHADORA).

(CONTINUA ...)